



## A Geografia Crítica em Sala de Aula: O Papel do Docente para a Formação do Senso Reflexivo

### *Critical Geography in the Classroom: The Role of the Teacher in the Development of Reflective Thinking*

**João Paulo Ferreira da Silva**

*Licenciado em Geografia e Especialista em Legislação Educacional.*

**Resumo:** O presente estudo discute a importância da Geografia Crítica no contexto escolar, enfatizando o papel do docente na formação de alunos com senso crítico-reflexivo. A pesquisa apresenta uma análise teórica acerca da evolução do pensamento geográfico, destacando a superação da Geografia Tradicional e o surgimento da Geografia Crítica como perspectiva voltada à compreensão das relações sociais, econômicas, políticas e ambientais que estruturam o espaço geográfico. O trabalho aborda a necessidade de práticas pedagógicas que articulem teoria e realidade social, promovendo uma aprendizagem contextualizada e interdisciplinar. A metodologia utilizada consistiu em revisão bibliográfica fundamentada em autores como Milton Santos, Paulo Freire, Yves Lacoste, José William Vesentini, Libâneo e Moraes. Os resultados apontam que o ensino de Geografia, quando orientado por princípios críticos, contribui para a compreensão das desigualdades sociais, das transformações espaciais e das relações de poder presentes na sociedade. Conclui-se que o professor exerce papel central na mediação do conhecimento geográfico, sendo responsável por estimular reflexões que possibilitem aos estudantes interpretar criticamente a realidade e atuar de forma consciente na transformação social.

**Palavras-chave:** Geografia Crítica; ensino de Geografia; prática docente; senso crítico-reflexivo; espaço geográfico.

**Abstract:** This study discusses the importance of Critical Geography in the school context, emphasizing the role of teachers in the development of students with critical-reflective thinking. The research presents a theoretical analysis of the evolution of geographical thought, highlighting the overcoming of Traditional Geography and the emergence of Critical Geography as a perspective focused on understanding the social, economic, political, and environmental relations that structure geographical space. The study addresses the need for pedagogical practices that articulate theory and social reality, promoting contextualized and interdisciplinary learning. The methodology consisted of a bibliographic review based on authors such as Milton Santos, Paulo Freire, Yves Lacoste, José William Vesentini, Libâneo, and Moraes. The results indicate that Geography teaching, when guided by critical principles, contributes to the understanding of social inequalities, spatial transformations, and power relations present in society. It is concluded that the teacher plays a central role in mediating geographical knowledge, being responsible for encouraging reflections that enable students to critically interpret reality and act consciously in social transformation.

**Keywords:** Critical Geography; Geography teaching; teaching practice; critical-reflective thinking; geographical space.

## INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem proporciona a apreensão de faculdades intelectuais que ajudam os seres a fluir suas capacidades mentais e sociais. Por conseguinte, é a isto, através da Educação e da sua consequente inserção das pessoas nos processos sociais, que os cidadãos se tornam mais aptos a entender, participar e transformar a vida social.

A evolução da educação sempre mostrou o surgimento de novas teorias pedagógicas, buscando meios mais eficientes de aliar a teoria à prática.

A educação é um princípio essencial para a existência das sociedades. O trabalho docente faz com que os membros de uma sociedade sejam inseridos na convivência social. É unânime a premissa de que todas as sociedades devem educar e formar seus indivíduos, para ajudar a fazer fluir suas capacidades intelectuais e, assim sendo, serem capazes de atuar de modo a transformar a vida social.

Tendo em vista que é através do trabalho docente que os conteúdos são perpassados aos alunos em forma de conhecimento e que ao professor cabe a função de adaptar o conteúdo à realidade prática dos alunos, explicitando os conteúdos, buscando sustentação prática de suas conclusões e propondo soluções às problemáticas da realidade social e natural, temos que o professor é um agente transformador e a ele se dá o papel central de formar cidadãos críticos-reflexivos.

Nesta exposição faremos uma abordagem acerca da Geografia Crítica enquanto Escola de Pensamento Geográfico, enfatizando a forma como o docente poderá usar a forma de análise dessa especificidade da Geografia para enriquecer suas aulas de Geografia.

Faremos um paralelo de como o trabalho do professor de Geografia se torna mais contundente se ele usar artifícios dessa especialidade da Geografia, a Crítica, para ter resultados que contribuam para uma melhor formação de alunos mais cientes das reais e principais causas dos problemas que atingem a sociedade, principalmente no tocante à Economia, à Geopolítica e à violência.

## A PROPOSTA DA GEOGRAFIA CRÍTICA EM SALA DE AULA

Chamada de radical, a Geografia Crítica veio mudar a forma de explicar a realidade espacial, ambiental e social. Se antes tínhamos conceitos fixos, atrelados a dados numéricos e decorativos, permeados por conceitos da Geografia Tradicional, agora tivemos o advento de uma outra forma de entender a realidade geográfica: a inter-relação homem-natureza, produzindo o conceito de espaço geográfico. Com isto, a Geografia Crítica, como escola do pensamento geográfico, passou a considerar o espaço como o conjunto de objetos naturais e artificiais somados aos sociais, sendo todos estes tomados em conjunto, uns interferindo nos outros.

Diante deste contexto, e cientes do papel da ciência geográfica para o entendimento das relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos, temos

a figura do professor. Este deve estar apto a elucidar, provocar e problematizar conceitos abordados na Geografia para situar o aluno para que este possa desenvolver um olhar mais refinado sobre a realidade.

Paralelamente à transmissão dos conteúdos, deve-se criar nos alunos subsídios intelectuais para que eles possam tomar uma postura construtiva perante a realidade que os cerca.

À medida que procuramos, através da Geografia Crítica, integrar os diversos temas da Geografia com o cotidiano social dos alunos, evitamos que estes assuntos apareçam como temas limitados.

A escola é campo de atuação para pôr em prática os conhecimentos adquiridos nos livros e nas reflexões didático-filosóficas. Ao professor cabe instigar nos alunos o conhecimento visando uma maturidade intelectual para a formação de cidadãos aptos para transformar a sociedade através do senso crítico-reflexivo oriundo da crítica social.

Creemos que as ciências devem procurar caminhar juntas para que os conhecimentos sejam construídos de forma multilateral, surtindo ganhos para ambas as ciências envolvidas numa situação de interligação e interdependência. Com a Geografia, não seria diferente. Mais especificamente com a Geografia Crítica, defendemos uma interdisciplinaridade com outras ciências, prioritariamente as humanas e crítico-sociais, tais quais: Antropologia, Sociologia, História, Economia, etc.

Paralelo à interação da Geografia Crítica com as ciências afins, temos que surgem subtemas semelhantes que aparecem de forma recíproca nestas mesmas ciências. Com isto, propomos que o professor deva aprofundar-se em tópicos destas disciplinas com certo grau de semelhança.

## CONTEÚDOS A SEREM EXPLORADOS

Eis alguns conceitos que aparecem mutuamente nas supracitadas ciências, que têm relação com a Geografia Crítica e que, a nosso ver, devem ser explorados pelos professores de Geografia no que diz respeito à Geografia Crítica: Exploração capitalista do trabalho; origens

do subdesenvolvimento; contrastes sociais e regionais; má distribuição de renda; concentração de renda; transformações nos espaços (geográfico, histórico, econômico, social, etc.); inclusão social de minorias e/ou menos favorecidos; respeito às diversidades étnicas, religiosas, regionais, etc.; combate ao racismo e/ou discriminação; promoção da igualdade política, de gênero e racial; adoção de políticas públicas que fomentem o combate às formas de racismo e discriminação e, por fim, todos e quaisquer conceitos que envolvam elementos importantes para a promoção de uma sociedade mais justa, sempre se baseando neste tripé fundamental: igualdade, inclusão e justiça.

No universo teórico do ensino e da pesquisa, temos diversas situações que não se adaptam perfeitamente à realidade educacional nacional. É que, sendo de dimensões continentais, inevitavelmente teremos distinções regionais bem acentuadas. Cada região, bioma, aglomerado demográfico, clima e, portanto, qualquer aspecto da Geografia, não deve ser padronizado para ser usado como objeto a ser seguido por esta Ciência. Para sanar isto, identificado o objeto de estudo, deveremos sempre considerar as peculiaridades regionais, tanto do ponto de vista da natureza como da relação homem-natureza.

Trata-se da preocupação de que o profissional do ensino não seja um mero repassador de discursos vazios de significados, incorrendo, se assim o for, em um singelo transmissor de conteúdos, mas sim em um observador da maneira como ele expõe os assuntos, criando ou ampliando a visão de mundo dos alunos, procurando sempre encontrar aplicações dos conhecimentos adquiridos na vida prática destes.

Nesta linha, vários segmentos devem estar envolvidos: governos, universidades, docentes e comunidade. Todos estes devem somar esforços para que o profissional de educação, aqui elegendo-o como o principal agente deste processo pedagógico de ensino-aprendizagem, detenha mecanismos materiais, financeiros e incentivos do empregador, daí inclusos o professor da rede privada e o da pública. Percebemos que este objetivo põe o professor no papel central deste processo; ele deve receber as formações básicas e se autoestimular para estar sempre buscando novas qualificações.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### A Abordagem da Geografia Tradicional

A Geografia Tradicional utilizava procedimentos metodológicos, de certa forma, meramente descritivos, em que se tinha a ideia da Geografia como uma ciência de relatar e enumerar o espaço, dando-lhe atributos numéricos, fazendo valorações do espaço e da natureza a partir de dados decrescentes e, enfim, utilizando conceitos preestabelecidos e dados quantitativos para dar valorações aos termos do espaço, da natureza e das relações antrópicas com o meio ambiente.

Com relação à Geografia Tradicional, o geógrafo francês Yves Lacoste (1977, p. 38) afirmou:

A geografia escolar que foi imposta a todos no fim do século XIX e cujo modelo continua a ser reproduzido ainda hoje, quaisquer que possam ter sido os progressos na produção de ideias científicas, encontra-se totalmente alheada de toda a prática. De todas as disciplinas na escola (...), a geografia é, ainda hoje, a única que surge como um saber sem a mínima aplicação prática fora do sistema de ensino.

Ainda sobre a Geografia Tradicional, Vesentini (2002, p. 199), nos ensina:

A partir de uma concepção de mundo oriunda da razão instrumental burguesa, especialmente das ideias de progresso, geradas pelo desenvolvimento do capitalismo e do imperialismo, ela fornece uma visão descritiva dos diversos 'países' e paisagens da superfície terrestre, visão essa impregnada de etnocentrismo, de mitologias nacional-desenvolvimentistas e às vezes até de racismo.

Após ter sido sistematizada como ciência, a Geografia do século XX buscou diversas respostas sobre a análise social e natural através da busca de novas maneiras de explicar os fenômenos materiais. Neste período de transição, esta ciência assumiu o conceito de Geografia Tradicional, pois explicava eventos através de enumerações, quantificações e conceituações desprovidas do objetivo de identificar as reais causas dos fatos socioambientais.

A ciência geográfica passou, ao longo do século XX, por um movimento de renovação conceitual e um rompimento com a visão tradicional do pensamento geográfico. Sobre esta época, destacamos: "A crise da Geografia Tradicional e o movimento de renovação a ela associado começam a se manifestar já em meados da década de cinquenta e se desenvolvem aceleradamente nos anos posteriores" (Moraes, 1999, p.93).

As transformações históricas por que passou a Geografia são oriundas do desenvolvimento capitalista, da superação e renovação dos pressupostos metodológicos que embasaram a Geografia e da mudança da base social em que a ciência geográfica tratava de analisar. Sobre as causas da crise da Geografia Tradicional, nos ensina Moraes (1999, p. 94-96):

Cabe, antes de mais nada, tentar explicar as razões da crise. Em primeiro lugar, havia se alterado a base social, que engendrara os fundamentos e as formulações da Geografia Tradicional. (...) Em segundo lugar, o desenvolvimento do capitalismo havia tornado a realidade mais complexa. (...) Em terceiro lugar (...), o próprio fundamento filosófico sobre o qual se assentava o pensamento geográfico havia ruído.

A crise da Geografia Tradicional ocasionou o surgimento de diversas vertentes do pensamento geográfico, que foram se divergindo e saindo do âmbito da configuração clássica da Geografia Tradicional e formando dois grandes grupos de ideias que, a partir daí, começaram a nortear a essência da disciplina.

A Geografia Pragmática tomou forma em outras proposições distintas. A primeira delas é a Geografia Quantitativa. Segundo Moraes (1999, p. 102), os defensores desta vertente a subsidiavam com um ideário matemático, explicando as teorias geográficas com dados numéricos. Outra forma de observação relativa à Geografia Pragmática denominou-se Geografia Sistêmica. Esta última recebeu este nome por meio da teoria dos sistemas, que consiste na adoção de modelos previamente definidos para explicar os fenômenos.

## O Advento da Geografia Crítica

Posteriormente, foram surgindo observações geográficas da realidade trazendo elementos elucidativos das causas reais dos fenômenos, sejam eles sociais, naturais ou mistos. Nesta época começou a surgir a Geografia Crítica. Esta subdivisão da Geografia procurou não apenas transmitir o conhecimento geográfico de forma decorativa, mas, sobretudo, trazer ao debate os motivos das contradições, conflitos e lutas de classes. Neste sentido, Moraes (1999, p. 123 *apud* Santos, 2004) afirma:

Milton Santos argumenta que é necessário discutir o espaço social e ver a produção do espaço como o objeto. Este espaço social ou humano é histórico, obra do trabalho, morada do homem. É assim uma realidade e uma categoria de compreensão da realidade.

Continua Moraes (1999, p. 126), sobre a Geografia Crítica: “(...) A unidade da Geografia Crítica manifesta-se na postura de oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta, fazendo-se do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação existente(...)”.

Os teóricos da Geografia Crítica, especialmente embasados nas ideias pioneiras de Lacoste, começaram a defender uma abordagem integrada de visão do espaço, sobretudo no que tange ao papel do Estado. Afirmavam que o Estado detinha elementos hegemônicos e panorâmicos acerca do seu território e, conseqüentemente, sobre o espaço natural e habitado. Assim sendo, foi defendida uma democratização do acesso ao conhecimento do espaço, numa perspectiva de entender, socializar e popularizar os conhecimentos, que tinham valores estratégicos e geopolíticos e, portanto, não deveriam estar nas mãos somente do Estado, mas ser repassados a toda a comunidade.

Neste sentido, temos:

Os geógrafos críticos, em suas diferenciadas orientações, assumem a perspectiva popular, a da transformação da ordem social. Buscam uma Geografia mais generosa e um espaço mais justo, que seja organizado em função dos interesses dos homens (Moraes, 1999, p.127).

As propostas da Geografia Crítica são no sentido de estabelecer mudanças sociais. Dentre algumas características desta confrontação, podemos perceber uma geografia militante, ansiando por mais justiça social, tentando entender as raízes dos problemas sociais e se afirmando como ciência de caráter político-transformador.

Libaneo (2008, p. 28) ressalta que: “A formação profissional do professor implica, pois, uma contínua interpenetração entre teoria e prática, a teoria vinculada aos problemas reais postos pela experiência prática e a ação prática orientada teoricamente”.

A Geografia Crítica recebeu contribuições relevantes na concepção de “espaço” e “espaço geográfico”. Milton Santos (2004, p. 317) traz elucidativas

conceituações sobre espaço geográfico, dizendo ele que este espaço é mais que o aspecto natural habitado: é todo um complexo de interações homem-natureza aliado aos vários elementos que compõem este espaço, tais como relações sociais, configurações espaciais e a própria paisagem.

Paulo Freire nos ensina que ao docente cabe, em sua formação permanente, aliar o discurso teórico à prática docente. Nestes termos, temos:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (Freire, 1996, p. 43-44).

Sobre a reflexão do ensino da Geografia e o cuidado em não repassar adiante as relações de poder, sem fazer a devida análise ao discente, Vesentini (1998, p.100) nos ensina: "(...) O que pretendemos é repensar o ensino da geografia numa perspectiva que não limita a escola à reprodução das relações de poder, à sua serventia para o sistema dominante (...)".

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Vemos que é necessário promover uma análise sobre como os conteúdos de Geografia são transmitidos aos discentes, se são meros conhecimentos transmitidos unilateralmente, ou se provocam no aluno o despertar de um senso crítico-reflexivo, característica básica da Geografia Crítica. Neste sentido, procuramos, através desta análise teórica, enumerar as principais ações docentes que sejam importantes para desencadear os objetivos de um ensino mais libertador, no sentido da ciência geográfica.

No momento em que as temáticas sejam relevantes para a transmissão de conteúdos que deixem um legado de lições transformadoras para a realidade social dos alunos, temos que estas possuem vieses crítico-sociais, que são o âmbito central proposto pela Geografia Crítica.

Desta maneira, vemos que os conteúdos de Geografia, nem todos claros, mas alguns de Geografia Física e a maioria de Geografia Humana, devem ter uma interpretação e uma discussão mais profunda por parte do professor. Este deve buscar embasar suas aulas com doutrinas e instrumentos que mostrem as causas principais dos problemas sociais, como distribuição de renda, acesso à água e ao esgoto, educação e disputas políticas e sociais.

Vemos que, se bem orientados pelo professor, os alunos deverão ter conclusões realísticas alinhadas com a prática social. Estas ações transformadoras por parte do professor só serão possíveis se ele começar a adotar ações pedagógico-científicas transformadoras.

Para isto, após repassar os conteúdos de Geografia, o professor deve fazer uma analogia com a realidade social geral e a local dos alunos, tentando explicar a eles que a parte majoritária dos problemas sociais da Geografia não é causada apenas por efeitos naturais, como clima, relevo, hidrografia, vegetação e solos. Caso isto não seja feito, os alunos podem ter uma superficial ou falsa impressão que o determinismo natural na Geografia é a causa principal das desigualdades sociais, o que não é verdadeiro, mas sim o aluno deve compreender que as questões econômicas e políticas interferem e muito nas questões ambientais, muitas das vezes ditando suas regras e fazendo com que o espaço natural seja transformado de acordo com o poder econômico e político vigente que tem influência sobre o meio natural, qual seja o espaço, a região, o lugar ou o território.

Explorando os conceitos do espaço geográfico, vemos que a ação do homem é crucial para alterar a realidade do espaço natural e é preciso que o discente saiba que na maioria das vezes a natureza não é um imperativo ditador das regras sociais. Muitas vezes, o capital, o domínio, a exploração e o trabalho são fatores preponderantes que interferem na natureza de tal forma que ela possa ficar muito transformada, até mesmo chegar ao ponto de sua devastação ambiental, correndo o risco de quebrar o equilíbrio ecológico.

Vemos que as proposições metodológicas são eficientes no tocante a resultados satisfatórios, não sendo apenas meros conhecimentos transmitidos unilateralmente, mas sim provocando no aluno a ativação de aprendizagens reflexivas, característica básica da Geografia Crítica.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

No tocante à Geografia na sala de aula, vemos que é necessário que se tenha um norte no plano pedagógico de cada ente da educação, seja escola, governo ou universidade. Plano este que contemple elementos dos conteúdos de Geografia que procurem explicar mais detalhadamente a realidade social e as causas e consequências dos problemas sociais, econômicos e ambientais, questões essas que permeiam a vida tanto do professor quanto do aluno.

Consideramos atingidos os objetivos pretendidos com relação ao ensino de Geografia Crítica se o docente perceber que os conteúdos repassados e os efetivamente aprendidos exploraram as verdadeiras causas dos problemas. As consequências que se devem ter com esta abordagem metodológica devem ser as mais reais possíveis, evitando macular os problemas sociais e ambientais como se fossem causados pelo aspecto apenas natural da Ciência Geográfica. Esta aferição dos propósitos e objetivos é subjetiva em cada conteúdo e por cada profissional da educação, mas ele deve ter um norte a ser seguido: evitar que os conteúdos sejam passados como dados quantitativos e cristalizados, fazendo com que o aluno perceba as múltiplas causas dos fenômenos, tanto ambientais como sociais.

À medida que o docente escolhe este método de ensino e acompanha assiduamente o progresso dos alunos, vê-se que foram alcançados os propósitos

elencados no rol de objetivos da Geografia Física. Claro que numa turma plural, as assimilações são também diversas, mas cremos que o primordial é a adoção deste método de ensino crítico como forma de garantir o mínimo de compreensão acerca dos assuntos correlatos à Geografia Crítica.

Quanto aos alunos, à medida que os pressupostos forem sendo repassados, discutidos e avançados, sob supervisão do professor, estes devem ir procurando entender os processos históricos, naturais e sociais envolvidos na evolução do pensamento geográfico, sempre sem esquecer de associar os conteúdos sob uma prismática crítica, a fim de entender as transformações a que o espaço sofre gradativamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É através do trabalho docente que os membros de uma sociedade são transformados em cidadãos em sua plenitude, pois adquirem qualificações para exercerem seus direitos sociais e políticos e participarem ativamente das decisões coletivas. Portanto, a educação é um princípio essencial para o exercício da cidadania. Faz-se necessário que os indivíduos sejam inseridos na realidade social da comunidade através de conhecimentos básicos advindos do processo educativo, que se dá, de forma majoritária, nas sociedades que escolarizam seus membros.

Tendo em vista que a Geografia é uma ciência humana, que estuda o espaço geográfico como espaço social, fruto de gradativas intervenções humanas na natureza, nada mais justo do que estabelecer uma relação de cunho social e econômico em todas e quaisquer temáticas abordadas pela ciência geográfica.

Com isto, concluímos que não é a partir de uma Geografia enumerativa, conceituadora e quantificadora dos dados naturais de determinado lugar que iremos ter subsídios para compreender as mutações socioambientais e entender o espaço que nos circunda.

O processo de entendimento da realidade social passa pelo estudo do espaço geográfico, fruto da interação homem-natureza, da inter-relação entre os sistemas naturais e sociais e entre as esferas socioeconômicas.

Entendemos que são raras as ações que discutem o ensino de Geografia e o ensino por investigação e esperamos que os alunos se tornem mais capazes de, através do ensino por investigação, realizar a compreensão entre fatos e fenômenos geográficos. Percebemos que tratar assuntos sociopolíticos com um viés científico só tem a enriquecer as temáticas e contribui largamente para a maturação de uma crítica social, esta tão defendida pela geografia crítica.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LACOSTE, Yves. **A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** 4.ed. Campinas: Papirus, 1997. 263 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo. Ed. Cortez. 2008.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia.** Pequena História Crítica. 17ª Ed. Editora Hucitec. São Paulo. 1999.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo. Hucitec, 2004.

VESENTINI, José William. **Para uma Geografia Crítica na Escola.** 5ª Edição. São Paulo. Ática. 1998.

VESENTINI, José William. **Sociedade e Espaço: Geografia Geral e do Brasil.** 42ª Edição. São Paulo. Ática. 2002.